



A PESQUISA HISTÓRICA: ANÁLISE DE REDES SOCIAIS E IMPRENSA OPERÁRIA

Luciano Everton Costa Teles*

Universidade do Estado do Amazonas - UEA

lcteles@uea.edu.br

RESUMO: O artigo em tela tem como propósito assinalar o uso da análise de redes sociais, como método, para a construção do conhecimento histórico. Nesse sentido, buscou-se evidenciar a incorporação da análise de redes na pesquisa histórica, apontando o caminho para se constituir redes através da imprensa operária e especificando os limites e possibilidades de tal proposta.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de Redes Sociais, Pesquisa Histórica, Imprensa Operária.

THE HISTORICAL RESEARCH: ANALYSIS OF SOCIAL NETWORKS AND THE OPERATIONAL PRESS

ABSTRACT: The article on screen is intended to point out the use of social network analysis, as a method, for the construction of historical knowledge. In this sense, we sought to highlight the incorporation of network analysis in historical research, pointing out the way to build networks through the working press and specifying the limits and possibilities of such a proposal.

KEYWORDS: Social Networks Analysis, Historical Research, Operational Press.

O termo “rede social” tem sido largamente utilizado e de variadas formas. Seu uso corrente e diversificado tem orientado o estudo de diferentes objetos de pesquisa em algumas áreas do saber, o que também revelou seu caráter interdisciplinar. (SCHERER-WARREN, 1995)

Não obstante, por volta das décadas de 30 e 40 do século passado, da antropologia e da sociologia, emergiram os primeiros expoentes que atuaram no sentido de pensar e organizar os fenômenos sociais através de redes. Este termo foi inicialmente

* Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor Adjunto A da Universidade do Estado do Amazonas.

utilizado de forma “metafórica” assumindo, décadas depois, um sentido analítico (ACIOLI, 2007).

O artigo em tela tem como propósito assinalar o uso da análise de redes sociais, como método, para a construção do conhecimento histórico. Nesse sentido, buscou-se evidenciar a incorporação da análise de redes na pesquisa histórica, apontando o caminho para se constituir redes através da imprensa operária e especificando os limites e possibilidades de tal proposta.

A ANÁLISE DE REDES SOCIAIS NA PESQUISA HISTÓRICA

Na antropologia social britânica, a insatisfação com a perspectiva estrutural-funcionalista clássica, especialmente seu foco na normatividade dos sistemas sociais, levou os estudiosos a deslocarem sua atenção para o sistema de redes de relações sociais e desenvolver a análise de rede social de uma forma mais sistemática. A discussão estabelecida girava em torno de como apreender a complexidade da vida em sociedade sem perder de vista as relações entre os sujeitos. Nesse sentido, deu-se importância às relações e interações individuais na definição da estrutura social, seja comunitária, seja familiar (BARNES, 1977).

Com efeito, na antropologia norte-americana, buscou-se reconstituir, através das relações sociais, a estrutura das redes e a posição dos indivíduos nela. Com isso se tornou possível perceber os impactos das redes sobre os comportamentos daqueles que nelas estavam inseridos (SIMMEL, 1955). Para além dessa perspectiva, existem alguns estudiosos que procuraram observar as relações sociais como unidades básicas da estrutura social, onde as estruturas sociais eram representadas pelos “nós” e conjunto de “laços” (usados para desenhar fluxos de recursos, ideias, etc.) que retratavam as suas interconexões (WELLMAN, B., BERKOWITZ, S. D, 1991).

Na sociologia, particularmente de tradição norte-americana, de análise da ação coletiva e da teoria da mobilização de recursos (TMR), a investigação direcionou-se no sentido de entender como os atores coletivos foram mobilizados para a formação de redes sociais. Já os estudiosos ligados à teoria dos novos movimentos sociais (TNMV) lançaram mão das redes sociais para “caracterizar o campo ou tipos de articulações políticas, ideológicas ou simbólicas entre os atores coletivos” (SCHERER-WARREN, 1995, p. 1048).

Em que pese as diferenças, tanto na antropologia quanto na sociologia, o foco recaiu sobre os atores sociais, suas relações, vínculos, interações e ações desenvolvidas. Tal foco se mostrou interessante para combater e se desviar dos determinismos presentes nas ciências sociais. A análise de redes sociais foi incorporada na pesquisa histórica de uma forma interessante e, articulada a outros conceitos e métodos, tem se apresentado de uma potencialidade ímpar não somente para recuperar os protagonismos dos sujeitos, num caráter relacional, como também para analisar as configurações sociais dos atores, “suas dinâmicas coletivas y de qué modo en éstas dinámicas se produce el cambio o la reproducción de las estructuras organizativas y de los sistemas sociales” (IMÍZCOZ, 2004, p. 125-126).

Cabe mencionar que, na pesquisa histórica, foram os micro-historiadores italianos que revelaram as potencialidades do uso das redes sociais como um instrumento para a análise. Entretanto, longe de ter sido utilizada num sentido único, também na história existem diferenças teórico-metodológicas significativas (COMISSOLI; COSTA, 2014). Pela diversidade de seu uso – político, empresarial, econômico, mas também acadêmico – não é nada fácil sistematizar questões e perspectivas sem operar um processo de seleção de pontos e elementos específicos, em geral baseados no objeto e na problemática de pesquisa.

Uma questão importante que emergiu dos usos da análise de redes sociais refere-se à ideia destas como algo não análogo a realidade, entendendo-a como um instrumento analítico importante e não apenas como uma metáfora que possa espelhar fenômenos sociais.

Outro ponto diz respeito à relação indivíduo/sociedade ou sujeito/estrutura. Para Moutoukias, por exemplo, não haveria influência de elementos estruturais como cultura, norma, instituição e posição social sobre as relações, os comportamentos e as ações dos indivíduos. Para ele os indivíduos e o conjunto de suas interações pessoais formavam redes sociais e estas, depois de formadas, explicavam os comportamentos e as ações daqueles (MOUTOUKIAS, 1995).

Ao contrário, Bertrand procurou demonstrar a influência dessas estruturas, em especial a estrutura familiar, nas interações e comportamentos dos indivíduos. Para o autor, estruturas prévias às redes existiam e precisavam ser observadas, pois contribuíam para conformar as relações e interações estabelecidas, numa via de mão dupla (BERTRAND, 2012).

Nessa esteira, numa posição de qualificação dos elementos estruturais, percebidos não como “externos aos indivíduos”, mas fazendo parte deles, através de um processo de interação com as normas e formas de organização, José Maria Imízcoz, assim como Bertrand, destacou as estruturas sociais como preexistentes às relações entre atores, condicionando-os, portanto, de forma débil, ao mesmo tempo em que elas eram constituídas, reforçadas ou modificadas pelas relações e ações dos indivíduos (IMÍZCOZ, 2004, p. 124).

A análise de redes sociais também tem contribuído para as discussões em torno da relação micro/macro. Como os atores sociais e suas relações foram encarados como ponto fulcral, esta análise sugeriu que os aspectos macros-estruturais deveriam ser construídos sobre fundações do micro. Dessa forma, o nível das relações contribuiria para “promover bases para explicar atividades e estruturas de níveis mais elevados de agregação”, permitindo passar de um nível ao outro (PORTUGAL, 2007, p.9).

Existe uma proposição de uso duro da análise de redes sociais. Neste, as informações e os estímulos promovidos por elas correriam através de vínculos pessoais fortes. Para Ramella, que defendeu o uso forte, “la fuerza de una relación social está dada por el reconocimiento de relaciones recíprocas, y no por el hecho de que los individuos estén físicamente próximos”(RAMELLA, 1995, p.20). Portanto, as intensidades das relações recíprocas seriam fundamentais para estabelecer uma análise de rede, independente da proximidade física dos atores envolvidos, caso contrário, o seu uso seria débil o que transformaria uma análise rica e sugestiva em pobre, vaga e ambígua (RAMELLA, 1995, p.10).

Por outro lado, Miguéz propôs justamente o contrário, o uso débil da análise de redes sociais. Para ele, “la aplicación dura del método sólo parece posible em casos excepcionales”, com fontes densas que permitissem estabelecer os vínculos, as relações e as suas dinâmicas (MIGUÉZ, 1995, p.27). Apontou ainda para a potencialidade de se usar o método, na utilização de fontes parcas, de uma forma eclética, resultando daí seu valor heurístico (MIGUÉZ, 1995, p.28).

Do ponto de vista da representação gráfica, estudos demonstraram que o foco nas relações sociais revelaram as interligações entre os indivíduos e que estas poderiam ser ordenadas e representadas, consoante a posição teórica-metodológica assumida. Portanto, foi possível falar em “redes egocentradas” e “redes polinodais”. Estas foram constituídas em torno de vários centros e de grupos que tinham existência prévia às

redes e serviam de apoio as suas relações, numa perspectiva coletiva (GIL, 2007, p.151-152). Aquelas foram constituídas a partir de um único indivíduo (BERTRAND, 2012, p.61).

Como o uso da análise de redes sociais se mostrou diverso, cabe explicitar de que modo ela está sendo pensada neste artigo. A posição assumida tomou a análise de rede social em dois sentidos, porém de forma imbricada. O primeiro como “una estructura construida por la existencia de lazos o de relaciones entre diversos individuos” e o segundo como “un complejo sistema de vínculos que permiten la circulación de bienes y servicios, materiales e inmateriales, en el marco de las relaciones establecidas entre sus miembros” (BERTRAND, 2012, p.61-62).

Ainda nessa esteira, compartilhou-se da posição de Imizcoz, em especial no entendimento de que os indivíduos se relacionam com diversos atributos e valores que não podem ser desconsiderados:



Los individuos tienen unos atributos y unos valores – de economía, cultura, creencias, capacitación, posición en una escala social, etc. – y se relacionan no solon con otros individuos, sino con todos los elementos materiales e inmateriales de su entorno y de su consciencia. Estas dimensiones de la realidad no son exteriores a los actores sociales. La cultura, las instituciones, la economía, el poder político, no existen fuera de las personas, están encarnados en ellas o “son llevados” por ellas. (IMÍZCOZ, 2004, p.125)

Os indivíduos atuam com sua riqueza, com seu status, com suas atribuições hierárquicas, com suas normas e instituições, etc. Com isso não se procura absolutizar as estruturas e nem cair no lado oposto do individualismo “puro”, mas sim promover uma análise que procura articular os diferentes níveis: individual, relacional e estrutural/sistêmico, percebendo-os num processo de interação onde a via nunca é de mão única.

Assim, é possível partir da ideia de identificar as relações e os vínculos estabelecidos, utilizando o instrumental de forma débil.¹ Após isso, perceber as interações e os conteúdos que circulam nessa rede e que norteiam as interpretações da

¹ Por força das fontes que foram utilizadas nesta pesquisa, jornais operários, optou-se por lançar mão do uso débil de “redes sociais” por entender que, associada a outros métodos e conceitos, possui um valor heurístico significativo. Como apontou Miguez, “incorporada a una estrategia de investigación estructural, y utilizando las fuentes que nos hemos habituado a emplear, la noción de red nos provee de buenas ideas interpretativas” (MIGUÉZ, 1995 p. 33).

sociedade, modelos organizativos e ações coletivas desenvolvidas no interior do mundo do trabalho.

Do mesmo modo, pode-se também realizar uma representação gráfica, no viés polinodal, para visualizar, no nível micro/macro, a articulação assumida e permitir uma compreensão mais global do universo em pauta.

COMO CONSTITUIR REDES SOCIAIS ATRAVÉS DA IMPRENSA OPERÁRIA?

Os periódicos impressos em geral, e os jornais operários em particular, passaram a ser utilizados na pesquisa histórica de uma forma mais intensa e significativa por volta da década de 80 do século XX. Isso se deu em função da renovação dos temas, das problemáticas e dos procedimentos metodológicos da disciplina histórica (LUCA, 2005, p.112).

Vistos como “fonte suspeita”² ou “repertório da verdade”³, gradativamente, com o avanço da disciplina, os jornais foram sendo encarados como um “manancial dos mais férteis” para a reconstrução histórica. Por meio deles, tornou-se possível recuperar dimensões sociais importantes, notadamente as lutas, os ideais, os compromissos e os interesses de diversos setores que compunham a sociedade. Os jornais possibilitaram um melhor conhecimento das sociedades no nível de suas condições de vida, manifestações culturais e políticas, dentre outros aspectos. Para Capelato:

a imprensa possibilita ao historiador acompanhar o percurso dos homens através dos tempos. O periódico, antes considerado fonte suspeita e de pouca importância, já é reconhecido como material de pesquisa valioso para o estudo de uma época. (CAPELATO, 1988, p.13)

Dessa forma, seu uso ganhou fôlego e diversos trabalhos surgiram tomando-os como suporte documental, sobretudo em temáticas ligadas à cidade (SEVCENKO, 1992), mundo das letras (MICELI, 2001; VELLOSO, 1996), gênero (BUIIONI, 1981;

² Como no final do século XIX a disciplina histórica privilegiava os documentos oficiais tidos como “neutros”, o que perdurou no decorrer do século XX, em especial ao longo da primeira metade, os jornais eram vistos como fontes suspeitas, carregados de subjetividades e de intencionalidades.

³ Na esteira do discurso jornalístico que pregava, por volta da década de 1970, que as informações contidas no jornal eram a “verdade” (a ideia do “fato verdade”), alguns trabalhos no âmbito da história assim incorporaram os conteúdos presentes neles. Como exemplo se tem o trabalho de LOUREIRO, 1981.

PEDRO,1998), política (CAPELATO, 1998) e outros. Seu uso tem se realizado em diversos campos e em variados recortes temporais e espaciais. Em particular, no campo da história do trabalho, a imprensa operária se constituiu numa fonte privilegiada (FAUSTO, 1976; DECCA, 1997; CHALHOUB, 1991; HARDMAN, 1983; CASTRO GOMES, 1988; PETERSEN, 2001).

Porém, como objeto de estudo, as reflexões sobre os jornais precisam ser intensificadas, o que não significa dizer que não existam trabalhos a respeito. Nessa perspectiva, alguns caminhos já foram percorridos. Contier, por exemplo, procurou pensar o vocabulário político-social de um punhado de jornais produzidos entre as décadas finais do Primeiro Reinado e o início da Regência, utilizando um instrumental analítico oriundo da Linguística e da Semântica (CONTIER, 1979).

Numa outra linha, Capelato e Prado, através do jornal *O Estado de São Paulo*, propuseram uma reflexão onde este foi percebido como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social (CAPELATO; PRADO,1980). Procuraram identificar e localizar o jornal socialmente e, assim, melhor compreender a logicidade de seus discursos e a emergência de projetos de intervenção social e política que, por vezes, ele buscava encobrir.

Cruz, na década de 1990, ancorada em aportes da chamada nova história cultural e entendendo a imprensa, portanto também os jornais, como “prática social que compunha o tecido social urbano”, focou nas relações entre cultura letrada, periodismo e vida urbana no processo inicial de formação da metrópole paulistana (CRUZ, 2000).

Cabe também destacar que os estudos que procuraram construir uma história da imprensa no Brasil caminharam no sentido de pensar acerca de sua historicidade em articulação com os processos de incorporação de novas tecnologias e linguagens ou de discutir a dinâmica e evolução dos órgãos de imprensa, analisando suas características em diversos contextos, através um modelo marxista que atrelava a dimensão cultural ao nível da infra-estrutura – aquela era reflexo desta – e percebia a imprensa como um “aparelho ideológico do estado” (BAHIA, 1990).

Mais recentemente novos estudos foram realizados. Alguns com o objetivo de discutir sobre as diversas possibilidades do “singular e rico fazer histórico da imprensa brasileira”, utilizando para isso uma gama variada de trabalhos pontuais e específicos de especialistas de diferentes áreas, buscando, dessa forma, “preencher um importante espaço no âmbito bibliográfico voltado para uma história sistemática e abrangente do

fazer jornalístico no Brasil”(MARTINS; LUCA, 2012). Outros pregando uma história cultural dos meios de comunicação, elencando os processos e práticas de comunicação como fundamentais e propondo o desvelamento do circuito de comunicação através de premissas como a identificação nele dos atores envolvidos, as materialidades produzidas, o produto que é colocado em circulação e as múltiplas relações narrativas oriundas do processo comunicacional (BARBOSA, 2012).

Como objeto de estudo a imprensa foi focada local, regional e nacionalmente sob diversos ângulos e diferentes recortes cronológicos e espaciais como já foi dito anteriormente. Entretanto, nessa diversidade, é possível apontar sete formas de abordar a imprensa como objeto.

A primeira delas é descritiva, factual, cronológica e preocupada em fazer levantamentos de documentação sobre jornais (catálogos e listagens), com baixo teor explicativo. A segunda a toma nas suas transformações estruturais internas, com pouca ou quase nenhuma ligação com contextos sociais específicos. A terceira abordagem caminha no sentido de descortinar os conteúdos políticos e ideológicos da imprensa percebendo-os como “reais”. A quarta forma a toma para focar estritamente na dimensão textual, desconsiderando os atores e processos de produção da imprensa. A quinta a entende “como aparelho ideológico do estado”. A sexta a percebe como fazendo parte do tecido social, sofrendo e intervindo nas questões sociais. Por fim, a sétima a entende como inserida num circuito de comunicação, necessitando considerá-lo. Cabe destacar que existem trabalhos que transitam entre essas abordagens.

Já o presente texto aponta para a oportunidade de explorar a imprensa na perspectiva de Gonçalves. Para a autora ela deve ser compreendida como:

Instrumento de intervenção na vida social em que seu estudo pode se dar como objeto/fonte, uma vez que desaparece a categoria imprensa na forma abstrata para dar lugar ao movimento vivo das ideias, protagonistas e, principalmente, para que emergjam dessa produção de sentidos, como resultado da operação histórica, sujeitos dotados de consciência determinada na prática social. (GONÇALVES, 2001, p.9)

Esta perspectiva associada à análise de redes permite visualizar justamente esse movimento de protagonistas e ideias que produzem sentidos, ações, etc. Mas como constituir redes sociais através da imprensa operária? E por que a imprensa operária?

Partindo da segunda pergunta, a imprensa operária se mostrou interessante tanto como suporte documental quanto como objeto de estudo. Como suporte

documental permitiu recuperar aspectos importantes do trabalho e da vida dos trabalhadores. Através dela foi possível identificar diversos contrapontos às iniciativas do poder como propostas políticas, formas de luta, de resistência e de leitura de mundo (DECCA, 1997, p.98). Ela sugeriu uma gama de temáticas como a exploração e opressão do capitalismo, condições de vida e trabalho, alto custo do aluguel e dos gêneros de primeira necessidade, eleições, voto e representatividade, educação e instrução, organização e associações, repressão e perseguição, denúncias, conquistas, experiências culturais, dentre outros (RAGO, 1985, p.15-17)

Como objeto de estudo consentiu observar dimensões significativas do processo de produção, circulação e venda dos jornais direcionados aos trabalhadores, com destaque para a relação entre avanços tecnológicos, oficinas e produção de jornais, formatos e características, grupos (proprietários, editores, colaboradores e outros) e suas leituras de mundo e posicionamentos realizados sobre assuntos sociais (TELLES, 2008).

Em linhas gerais, a imprensa operária se singularizou particularmente por seus objetivos programáticos e seu caráter doutrinário. Suas falas caminhavam na contramão dos discursos hegemônicos, sempre visando servir de instrumento para a construção de um novo mundo, sem exploração, miséria, opressão, fome e outros problemas sociais.

Com efeito, como se mostrou de um potencial ímpar, sobretudo para recuperar grupos, como os trabalhadores, antes excluídos da história (PERROT, 1988), emergiram vários trabalhos que a tomaram ora como fonte ora como objeto.⁴

As perspectivas foram variadas, indo desde uma análise do discurso (COSTA, 1993/94), passando pelo uso dos conceitos de ideologia (ARAÚJO, 1986), memória (FERREIRA, 2001), representações (BILHÃO, 1998, p.28), identidades (MACIEL, 2004) e gênero (ARAVANIS, 1999). As temáticas eram diversificadas e, em grande medida, sugeridas pelos próprios assuntos elencados nos jornais, como foi mencionado anteriormente.

Foram vários os autores que alertaram acerca da potencialidade da imprensa operária. Em 1985, Zicman já acentuava que os jornais eram bastante consultados e citados, porém raramente estudados e analisados (ZICMAN, 1985, p.92). Neste mesmo ano, Rago apontou que a riqueza desse tipo de imprensa não estava ligada somente aos

⁴ Como objeto ver GARCIA, 1964; FERREIRA, 1988; CARDOSO; ARAÚJO, 1983; SERRA, 1987; PETERSEN, 1989; JARDIM, 1990; PEREIRA, 2001.

aspectos materiais e de luta, mas incluía aspectos culturais e propostas de uma nova sociedade (RAGO, 1985, p.16).

Na década de 90, Jardim assim se posicionou:

Pelo visto, a imprensa operária foi levada em conta como uma variável fundamental para o estudo da história dos trabalhadores, porém (...) pouco se fica sabendo de suas características mais específicas.

(...)

Quer dizer, há muitas indicações da sua importância, mas pouca demonstração do porquê desta importância. Constata-se assim sob esse aspecto, uma lacuna na historiografia, mesmo naquela do centro do país, de estudos mais aprofundados, tanto descritivos quanto interpretativos sobre o tema imprensa operária. Ou pelo menos estudos que condensassem e reavaliassem o que já foi escrito de forma esparsa em diversos trabalhos e enfoques. (JARDIM, 1990, p.10)

De lá para cá alguns estudiosos escutaram essas vozes e fizeram avançar os estudos sobre a imprensa operária, como já foi salientado. Mesmo assim, na virada do século XX para o XXI, Cruz, de uma forma contundente, realçou a importância desses estudos, pois para ela essa imprensa, apesar de ter se constituído como fonte privilegiada e indispensável para o “estudo das classes operárias no período recente da história social do trabalho brasileira (...) vem reclamando por estudos que a proponham também como tema e espaço central de análise e reflexão” (CRUZ, 2000, p.129).

Explicita-se aqui esse caminho, o de incorporar a imprensa operária, por todas as suas potencialidades, como “tema e espaço central de análise e reflexão” histórica.

Voltando agora para a primeira pergunta: como constituir redes sociais através da imprensa operária? Procurou-se respondê-la utilizando, como exemplo, um jornal operário, de orientação sindicalista revolucionária⁵, que começou a circular em Manaus no ano de 1914. Este jornal – *A Lucta Social* – teve mais duas fases, uma em 1924 e a

⁵ Cabe sublinhar que Edilene Toledo na sua tese de doutorado, *O Sindicalismo Revolucionário em São Paulo e na Itália: circulação de ideias e experiências na militância sindical transnacional entre 1890 e o Fascismo* (2002), encarou o sindicalismo revolucionário como uma corrente autônoma, não vinculado ao anarquismo, ao contrário de Tiago Bernardon de Oliveira, que via o sindicalismo revolucionário como uma vertente do anarquismo. Em sua tese, *Anarquismo, Sindicatos e Revolução no Brasil, 1906-1936* (2009), além de questionar a ideia do sindicalismo revolucionário como uma corrente autônoma, analisou a trajetória do movimento anarquista em sua relação com o movimento operário brasileiro, destacando as estratégias, as concepções e as avaliações desenvolvidas pelos militantes nos estados de São Paulo, Rio Grande do Sul e Distrito Federal. Encara-se, aqui, o sindicalismo revolucionário como uma vertente do anarquismo, que via o sindicato, a ação direta e a greve revolucionária como instrumentos fundamentais para superar o capitalismo, rumo à outra sociedade.

outra em 1932. Entretanto, para efeito de demonstrar como constituir redes através dele, optou-se por utilizar somente o ano de 1914, onde se tem seis números publicados em sequência (1924 = 1 número; 1932 = 1 número).

Um primeiro passo consiste na identificação da pessoa, ou grupo, responsável pela produção do jornal. Isso permite desvelar contatos e vínculos essenciais e perceber as ligações e os conteúdos em jogo. No caso do jornal em tela, o responsável era Tércio Miranda. Este era um português que se deslocou para o Brasil entre 1913-14. Radicou-se no Amazonas e, como delegado especial da C.O.B. (Confederação Operária Brasileira), atuou no sentido de organizar os trabalhadores da região Norte do país.

O contato de Tércio Miranda com o anarquismo se deu em solo português. Ele era membro do “Grupo Aurora Social”, atuando como liderança na “Liga D’Educação Nova”, em 1912.⁶ Em Portugal a CGT (Confederação Geral do Trabalho) foi uma referência, fonte de inspiração para essas lideranças, incluindo aí Tércio, que trocaram experiências, seja por correspondências, visitas ou participação em congressos.⁷ Tércio Miranda agiu ativa e pedagogicamente na propaganda e na organização dos trabalhadores do Norte de Portugal. Como por volta de 1912-1913 o momento era de tensão social, com perseguições e prisões de anarquistas, resolveu sair de Portugal. Porém, ainda no Porto, entrou em contato com ideias de Piotr Kropotkine⁸, José Prat⁹, Emile Pouget¹⁰, Clemencia Jacquinet¹¹, Elisée Reclus¹² e outros que marcaram sua formação e foram utilizados em artigos no jornal, como se observa no quadro abaixo:

⁶ Inclusive dando o endereço da Liga (Rua das Fontainhas, n. 9. Porta do Sol), o que é uma evidência forte da presença de Tércio Miranda justamente na Região Norte onde o anarquismo avançou.

⁷ Isto fica evidente com a visita de Elisée Réclus ao Porto em abril de 1886. Ver MESQUITA, Antônio Pedro. O Pensamento Libertário e Anarquista. In: *O pensamento político português no século XX. Uma Síntese Histórico-Crítica*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2006, p. 523.

⁸ Palavras dum Revoltado, A Grande Revolução, A Conquista do Pão, Em Volta de uma Vida, O Terror na Rússia, A Anarquia, sua Filosofia, seu Ideal, O Espírito Revolucionário, Um Século de Expectativa e O Governo Revolucionário são algumas de suas obras que provavelmente eram lidas em Portugal.

⁹ Com destaque para A Burguesia e o Proletariado e O Sindicalismo.

¹⁰ São suas as obras A Confederação Geral do Trabalho e Bases do Sindicalismo.

¹¹ História Universal. Vol 1 e 2.

¹² Com destaque para Evolução, revolução ideal anarquista.

QUADRO 1

| Autores | Procedência | Título da matéria | Data da publicação no A Lucta Social |
|---------------------|--|----------------------------|---|
| José Prat | Conferência no Centro da Juventude Republicana de Lérida - Espanha | A Aurora Proletária | Ano I, n. 1, 29 de março de 1914 |
| Piotr Kropotkine | --- | O Salariação | Ano I, n. 1, 29 de março de 1914 |
| Emile Pouget | --- | Os Sindicatos Operários | Ano I, n. 2, 1º de maio de 1914 |
| Montesquieu | Espírito das Leis | --- | Ano I, n. 3, 1º de junho de 1914 |
| Salvaterra Júnior | --- | Ferrer... História Simples | Ano I, n. 3, 1º de junho de 1914 |
| Emile Pouget | --- | A Greve | Ano I, n. 3, 1º de junho de 1914 |
| Clemencia Jacquinet | História Universal | A Ideia da Pátria | Ano I, n. 4, 1º de setembro de 1914 |
| Elisée Reclus | --- | O Ideal Futuro | Ano I, n. 6, 1º de novembro de 1914 |

Fonte: A Lucta Social – quadro construído pelo próprio autor.

Mas qual a importância desse primeiro passo para a constituição de redes sociais? Primeiro, ele admite perscrutar o percurso de formação daquele que estava por traz do jornal *A Lucta Social* (leituras, pensamentos, posições, etc.), o que acaba sendo salutar em função das ações que foram realizadas e, em especial, para perceber os contatos e vínculos estabelecidos. Nesse sentido, evidenciam-se as prováveis relações com a comunidade portuguesa no Amazonas, que eram significativas, e já no Amazonas, com os anarquistas de Portugal e outras partes do mundo, como ficou constatado nos poemas de Salvaterra Júnior publicados no referido jornal.¹³

Além disso, os próprios esforços, fruto dessa formação e, conseqüentemente, do projeto de sociedade concebido, caminhavam na tentativa de organizar, numa perspectiva internacionalista, os trabalhadores, o que forçava a ampliação das “redes sociais”.

¹³ Arrisca-se a imaginar que este era certamente companheiro de luta de Tércio Miranda, uma vez que também era membro do “Grupo Aurora Social”, liderando organizações libertárias no Porto como, por exemplo, “A Libertadora”, “O Centro de Instrução Livre”, “O Germinal/Centro Instrutivo” e outros. Com uma ampla participação, Salvaterra Júnior atuava de forma ativa no movimento, inclusive produzindo textos, particularmente poemas que ganharam as páginas do *A Lucta Social*. Ver CRUZ, 2000, p. 22-26.

Com efeito, os contatos foram estabelecidos não somente com grupos de regiões europeias, como também no Brasil, o que se materializou no próprio jornal, como demonstra o quadro a seguir:

QUADRO 2

| Cidade/Estado | Procedência | Título da matéria | Data da publicação no A Lucta Social |
|-----------------|--|--|---|
| Belém/Pará | Reunião d'Assembléa Geral | Moção | Suplemento ao número 1, 27 de fevereiro de 1914 |
| Belém/Pará | Secretaria da “União dos Operários Sapateiros do Pará” | A “conducta” de Demoniz | Ano I, n. 2, 1º de maio de 1914 |
| Belém/Pará | --- | NO PARÁ: Um governo despótico – Gréve motivada pela fome – Prizões – Deportações de operários – Assalto às sociedades – Outras notas | Ano I, n. 3, 1º de junho de 1914 |
| Ceará/Fortaleza | Orgão Operário de Fortaleza | Em face dos contrastes | Ano I, n. 3, 1º de junho de 1914 |
| Belém/Pará | --- | A greve em Belém do Pará | Ano I, n. 3, 1º de junho de 1914 |
| Belém/Pará | --- | A “conducta” de Demoniz | Ano I, n. 3, 1º de junho de 1914 |

Fonte: A Lucta Social – quadro construído pelo próprio autor.

Aqui se chega ao segundo passo. O próprio jornal acolheu informações que se constituíram como uma espécie de “quebra-cabeças”, possibilitando reconstituir os contatos, ou melhor, as “redes”. Além dos artigos de outros jornais, é possível perceber como eles foram enviados. Por exemplo:

Pedimos aos jornaes operários de todo o Mundo, para noticiarem a próxima saída do primeiro número, que enviaremos a quem reclamar. Agradecemos a noticia e pedimos permuta. Agradecemos também a remessa de jornaes, para A LUCTA SOCIAL – caixa postal 78. Manaós. Brazil. (A IMPRENSA OPERÁRIA, 1914, suplemento ao n.1)

As permutas ocorreram, como ficou evidente em um trecho publicado no jornal: “Por falta de espaço não publicamos hoje os nomes dos que recebemos em

permuta com o nosso. Aos jornais de todo o mundo que nos têm visitado deixamos aqui o protesto do nosso reconhecimento” (JORNAES,1914). Entretanto, em que pese tal informação, os jornais não trouxeram os nomes dos contatos, pois aqui estaria mais um passo, o terceiro, para a constituição das redes sociais. Por correios, telegramas e pacotes circularam ideias que proporcionaram esquemas de interpretação do social, modelos organizativos e ações coletivas.

Como quarto passo (desenhadas e visualizadas as redes), tem-se a circulação de lideranças e da própria imprensa. Como salientou Petersen, a reflexão sobre a imprensa operária “provavelmente será redimensionada quando pudermos recompor a rede de sua circulação pelo país” (PERTERSEN, 1995, p.135).

Algumas lideranças que estavam por traz dos jornais se colocavam na “missão” de promover a organização dos trabalhadores. Como foi mencionado anteriormente, Tércio Miranda era uma delas. Pelo próprio jornal é factível apreciar o seu empenho de circulação:



Devendo fazer uma viagem de propaganda, por alguns estados do norte do paiz, na qualidade de delegado especial da C.O.B., declaro afim de informar as agruções operárias que com bastante pezar meu e por motivos que se relacionam com minha vida particular, não posso partir já, como informava A Vós do Trabalhador, órgão da mesma C.O.B., no seu ultimo número. (A'ORGANIZAÇÃO OPERARIA DO NORTE, 1914)

Por fim, ainda no próprio jornal é crível recolher fragmentos que indicam esses contatos como, por exemplo, informações sobre movimento operário no mundo e nas “terras do sul” do Brasil (APPELO AOS TRABALHADORES DE MANAÓS, 1914), do Pará (NO PARÁ, 1914) e outros, sobre ajuda financeira a jornais específicos como “A Voz do Trabalhador” no Rio de Janeiro e “Aurora” de Portugal (VIDA SINDICAL, 1914).

Resumidamente, para que se possa constituir redes sociais (com a finalidade de conceber contatos, conexões e interações) através da imprensa operária alguns passos devem ser observados:

- 1) Identificar o grupo social que está por traz do jornal, contextualizando-o no sentido de investigar sua composição social, bem como trajetórias de seus membros, contatos e conexões estabelecidas internamente e externamente;

- 2) Em articulação com o que foi dito acima, identificar os nomes dos militantes operários e, através deles, manusear os jornais com a finalidade de coletar dados que possam de alguma forma explicitar a “rede de relações” do indivíduo, do grupo e do jornal que os militantes fazem parte;
- 3) Perceber que no jornal existem conteúdos que foram alimentados não somente pela trajetória e experiência dos seus responsáveis, mas também absorvidos e/ou estimulados por conexões com outros grupos presentes no Brasil e no mundo, fruto da própria circulação e dinâmica das folhas operárias. Estes contatos estão expressos no jornal, ainda que em alguns casos, de forma fragmentada;
- 4) Reconhecer que, em alguns casos, os jornais publicavam uma lista com os nomes dos contatos e/ou permutas. Isto era feito porque eram enviadas remessas para eles e vice-versa. Esse movimento se coloca como salutar para a percepção desse processo de circulação;
- 5) Buscar, no próprio jornal, informações sobre a circulação de lideranças (cidades, estados, regiões, etc.);
- 6) Recolher alguns indicativos como transcrições de artigos de folhas operárias de outras regiões do país e do mundo, passagens nos textos publicados e que se referem a movimentos ocorridos em outras localidades, entre outros que indiquem a existência dessas relações e interações.

Como realçou Boissevan (1979), as redes sociais, se visualizadas sozinhas, dizem muito pouco (p.392-393). Cabe então não somente desenhá-las como também demonstrá-las em ação. Num primeiro momento não se pode deixar de mencionar que essas redes sociais possibilitam a circulação de ideias que são referências para interpretações da sociedade, modelos organizativos e ações coletivas desenvolvidas no interior do mundo do trabalho. Assim, utilizando-a de uma forma débil, ela permite analisar esse processo.

Nesse ínterim, a rede em ação pode ser vista em momentos de organização dos trabalhadores, nos protestos, nas passeatas, nas greves, nas comemorações do 1º de maio e outros. Como apontou Pinheiro para o Amazonas:

... as celebrações do Primeiro de Maio permitiram igualmente a percepção das interações e trânsito dos trabalhadores, de suas ideias e demandas numa escala supralocal e mesmo supranacional. Assim é que, comemorado pela primeira vez na Europa em 1890, no ano seguinte o Primeiro de Maio já era comentado e defendido pelos

trabalhadores Amazonenses, demonstrando cabalmente a existência dessas interações e diálogos numa escala planetária. (PINHEIRO, 2014, p. 2-3)

Portanto, somente reconstituir a rede é muito pouco, cabe, associando-a com outros conceitos, percebê-la em ação, na sua complexidade.

LIMITES E POSSIBILIDADES DA PROPOSTA

Não obstante, alguns limites se apresentam. Com relação aos jornais operários são basicamente três preocupações. A primeira consiste em evitar uma postura ingênua, uma vez que por traz dos acontecimentos sociais e das posições assumidas frente a eles existem interesses – que podem ser políticos, ideológicos e sociais – que norteiam a escolha das temáticas, ordenando sua forma e estrutura narrativa. Portanto, ao perder de vista esses interesses, os conteúdos dos jornais podem ser tomados como se fossem a “realidade”; como destacou Vargas ao enunciar que as leituras dos editoriais da imprensa partidária sem a observação sobre quem discursava e quem os escrevia acabava impedindo uma melhor percepção do conjunto de interesses envolvidos por trás de tais manifestações. Para ele:

O que acaba acontecendo são descrições dos programas partidários e citações de discursos, no qual, por exemplo, a simples denominação de “partido da ordem” dada aos conservadores faz pensar que os homens nele filiados agiram sob a orientação desse enunciado, ignorando uma série de influências e imposições externas...(VARGAS, 2007, p.19)

Essa primeira preocupação remete a outra, qual seja: tomar o jornal de forma isolada da sociedade, buscando esquadrihá-lo para traçar um perfil mais “fiel”. O grande problema é que os jornais, dependendo dos diferentes contextos, mesmo sendo de uma determinada e específica orientação política, podem assumir posições surpreendentes, logicamente dentro do campo de possibilidades e das avaliações realizadas pelo grupo que o coloca em circulação. Em especial, em contextos marcados por “mesclas ideológicas”, resultado do caráter difuso de correntes como anarquismo e socialismo, as interpenetrações, em geral, são admitidas e proporcionam tais posições (PETERSEN, 2001, p.68).

Por exemplo: o jornal *A Lucta Social*, dizendo-se sindicalista revolucionário, negando o sistema representativo republicano e o exército, viu com simpatia a revolta

dos tenentes em Manaus (1924)¹⁴, declarando apoio ao movimento e as reformas que foram implantadas. Tais reformas, na perspectiva dos tenentes, visavam à regeneração das instituições republicanas.

Ainda nessa esteira, e caminhando para outra preocupação, cabe ressaltar que as notícias contidas nos jornais não devem ser vistas e recortadas sem que haja antes uma investigação das motivações, objetivos ou sentidos que orientam aí sua presença, sob pena de montar uma posição ou interpretação equivocada acerca do periódico, ou de atribuir um sentido que, no geral, pode não ser determinante.

Com relação a montar redes sociais através dos jornais operários três perigos se colocam. O primeiro diz respeito à sobrevalorização dos contatos entre os indivíduos (BOISSEVAIN, 1979, p.392-393), ou seja, os contatos podem não ser uma relação significativa de interação e, portanto, de circulação de ideias e conteúdos. Ainda mais quando não se tem acesso aos chamados sistemas de pacotes¹⁵, que apontam com maior clareza os envolvidos nas relações e a intensidade delas.

Disso resulta o segundo perigo, em particular na tentativa de estabelecer a extensão e tempo de duração das redes. Muito embora os jornais não permitam isso, eles possibilitam ver a rede em ação, sobretudo por meio das atividades e agenciamentos dos atores que entram em contato, criam vínculos e circulam – ou fazem circular – conteúdos que norteiam comportamentos em outras regiões do globo.

Cabe assinalar ainda um “velho” perigo que consiste na identificação dos discursos e ideias do movimento operário como sendo da classe trabalhadora como um todo. Como os jornais operários são produzidos no âmbito da militância, coloca-se como fundamental identificar e diferenciar as falas das lideranças, não tomando-as como se fossem dos próprios trabalhadores em geral (HOBSBAWN, 2000, p.17).

Não obstante, pretende-se superar essas preocupações na esteira do que realçou Bertrand acerca das redes. Para ele:

Una red no puede existir en lo absoluto, fuera de toda activación, de una finalidad o de un proyecto particular (...) es la naturaleza de un proyecto particular construído en um contexto preciso por actores sociales lo que hace que surja en las fuentes la red, que entoces se vuelve legible a nuestros ojos. (BERTRAND, 2012, p.57)

¹⁴ Sobre a rebelião de 1924 em Manaus ver SANTOS, 2001.

¹⁵ Nele continha listas de nomes para onde os jornais seriam remetidos.

Portanto, entende-se que para superar as limitações apresentadas torna-se fundamental demonstrar que as redes podem ser identificadas, constituídas e ativadas tendo como base um projeto social – construção de identidades e de projetos políticos de intervenção social – envolvendo os trabalhadores, por exemplo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACIOLI, Sônia. Redes sociais e teoria social: revendo os fundamentos do conceito. **Inf. Inf.** Londrina, vol. 12, 2007.
- ARAÚJO, Sílvia Maria Pereira de; CARDOSO, Alcina Maria de Lara. **Ideologia e imprensa operária: o contra-discurso pequeno-burguês.** ANPOCS, out./1986, p. 1-22.
- ARAVANIS, Evangelia. Apresentando um banco de dados: imprensa anarquista, homens e mulheres na cidade de Porto Alegre (1908-1930). **Textura.** Canoas, n. 1, 2º semestre de 1999, p. 29-36.
- BARNES, J. A. Class and Committees in a Norwegian Island Parish. In: LEINHARDT, Samuel (org.). **Social Networks. A Developing Paradigm.** New York: Academic Press, 1977.
- BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica: história da imprensa brasileira.** 4ª ed. São Paulo: Ática, 1990.
- BARBOSA, Carlos Marialva. Uma história dos sistemas de comunicação: balanço de um percurso teórico. **Conexão – Comunicação e Cultura.** UCS, Caxias do Sul, vol. 9, n. 17, jan.-jun./2010, p. 11-29.
- BERTRAND, Michel. De la família a la red de sociabilidade. **Páginas – revista digital de la escuela de historia.** Ano 4, n. 6, Rosário, 2012.
- BILHÃO, Isabel Aparecida. Representações do movimento operário na imprensa. Resumo. **Anais do IV Encontro Estadual da ANPUH/RS.** São Leopoldo, 5 a 9 de outubro de 1998, p. 28.
- BOISSEVAIN, Jeremy. Network Analysis: a reappraisal. In: **Current Anthropology.** The University of Chicago Press. v. 20, n. 2, Jun, 1979.
- BOTT, Elizabeth. **Família e rede social.** Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1976.
- BUITONI, Dulcília. **Mulher de papel: representações de mulheres pela imprensa feminina brasileira.** São Paulo: Loyola, 1981.
- CARDOSO, Alcina Maria de Lara, ARAÚJO, Sílvia Maria Pereira de. Jornais Operários: metodologia para análise histórica do discurso operário na Primeira República. **História: questões e debates.** Curitiba, vol. 4, n. 6, jun./1983.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e História do Brasil.** 2 ed. São Paulo: Contexto/Edusp, 1988.

- CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena**: propaganda política no varguismo e no peronismo. Campinas: Papirus, 1998.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim, PRADO, Maria Lígia. **O bravo matutino. Imprensa e ideologia no jornal O Estado de São Paulo**. São Paulo: Alfa e Ômega, 1980.
- CASTRO GOMES, Ângela de. **A Invenção do Trabalhismo**. São Paulo: Vértice, 1988
- COMISSOLI, Adriano, COSTA, Miguel Ângelo Silva da. Estrelas de primeira grandeza: reflexões sobre o uso de redes sociais na investigação histórica. **MÉTIS: história e cultura**, vol. 13, n. 25, jan./jun. 2014.
- CONTIER, Arnaldo. **Imprensa e Ideologia em São Paulo, 1822-1842**: matizes do vocabulário político e social. Petrópolis/Campinas: Vozes/Unicamp, 1979.
- COSTA, Francisca Deusa Sena da. Manaus e a imprensa operária: o discurso do trabalhador também exclui. **Amazônia em Cadernos**, n.2/3. Manaus: UFAM/Museu Amazônico, 1993/94.
- CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, Lar e Botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque. São Paulo: Cia das Letras, 1991.
- CRUZ, Heloisa de Faria. **São Paulo em papel e tinta**: periodismo e vida urbana (1890-1915). São Paulo: EDUC, 2000.
- DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. **A Vida Fora das Fábricas**: cotidiano operário em São Paulo, 1920-1934. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- FAUSTO, Boris. **Trabalho urbano e conflito social. (1890-1920)**. São Paulo: Difel, 1976.
- FERREIRA, Maria Nazareth. **Imprensa Operária no Brasil**. São Paulo: Ática, 1988.
- FERREIRA, Lygia Portenha Borges. **A memória do PCB em Goiás**: a experiência do jornal A Luta e a formação da cultura comunista em Goiás (1937-1945). Dissertação Mestrado em História. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2001.
- GARCIA, Evaldo da Silva. A imprensa operária e socialista brasileira do século XIX. **Estudos Históricos**, n. 19, 1964.
- GIL, Tiago Luís. **Infiéis Transgressores**: elites e contrabandistas nas fronteiras do Rio Grande e do Rio Pardo (1760-1810). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2007, p. 151-152.
- GONÇALVES, Adelaide (Org). **Ceará Socialista – Anno 1919**. Florianópolis: Insular, 2001.
- HARDMAN, Francisco Foot. **Nem Pátria, Nem Patrão!** Vida operária e cultura anarquista no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- HOBSBAWM, Eric. **Mundos do Trabalho**: novos estudos sobre História Operária. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- IMÍZCOZ, José Maria. Actores, redes, procesos: reflexiones para una historia más global. **Revista da Faculdade de Letras- História**, III Série, volume 5, Porto, 2004.

JARDIM, Jorge Luiz Pastorisa. **Comunicação e militância**: a imprensa operária no Rio Grande do Sul (1892-1923). Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1990.

LOUREIRO, Antônio José Souto. “**Gazeta do Purus**”: scena de uma época (Senna Madureira, 1918-1924). Manaus: Imprensa Oficial, 1981.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

MACIEL, Osvaldo Batista Acioly. Filhos do trabalho, apóstolos do socialismo: os tipógrafos e a construção de uma identidade de classe em Maceió (1895-1905). Dissertação (Mestrado em História). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2004.

MARTINS, Ana Luiza, LUCA, Tânia Regina de. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

MESQUITA, Antônio Pedro. O Pensamento Libertário e Anarquista. In: **O pensamento político português no século XX. Uma Síntese Histórico-Crítica**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2006.

MICELI, Paulo. **Poder, sexo e letras na República Velha, em intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MIGUÉZ, Eduardo. Microhistoria, redes sociales e historia de las migraciones: ideas sugestiva e fuentes parcas. In: BJERG, María & OTERO, Hernán. **Inmigración y redes sociales en la Argentina moderna**. Tandil: CEMLA –IEHS, 1995.

MOUTOUKIAS, Zacarías. “Narración y analisis en la observación de vínculos y dinámicas sociales: el concepto de red personal en la historia social y económica. In: BJERG, María & OTERO, Hernán. **Inmigración y redes sociales en la Argentina moderna**. Tandil: CEMLA –IEHS, 1995.

PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas**: uma questão de classe. 2º ed. Florianópolis: UFSC, 1998.

PEREIRA, Adelaide Maria Gonçalves. **A imprensa dos trabalhadores do Ceará de 1862 aos anos 1920**. Tese (Doutorado em História). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História**: Operários, Mulheres e Prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. “**Que a união operária seja a nossa Pátria!**”: história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. **Guia para o estudo da imprensa periódica dos trabalhadores do Rio Grande do Sul (1874-1940)**. Porto Alegre: UFRGS/FAPERGS, 1989.

PERTERSEN, Sílvia Regina Ferraz. Cruzando fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira. **Anos 90**. Porto Alegre, n. 3, jun./1995.

PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. Imigração, trabalho e imprensa em Manaus, 1890-1928. **Revista Litteris**, n. 4, set./2014.

PORTUGAL, Sílvia. Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica. **Oficina do CES**, n. 271, mar./2007.

RAMELLA, Franco. Por un uso fuerte del concepto de red en los estudios migratórios. In: BJERG, María & OTERO, Hernán. **Inmigración y redes sociales en la Argentina moderna**. Tandil: CEMLA –IEHS, 1995.

SANTOS, Eloína Monteiro dos. **A Rebelião de 1924 em Manaus**. 3º ed. Manaus: Editora Valer, 2001.

SERRA, Sônia. **O Momento**: história de um jornal militante. Dissertação de Mestrado. Salvador: FFCH/UFBA, 1987

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SIMMEL, Georg. **Conflict e The Web of Group-Affiliations**. New York: The Free Press, 1955.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SCHERER-WARREN, Ilse. Metodologia de redes no estudo das ações coletivas e movimentos sociais. **Anais do Encontro Nacional da Anpur**. Modernidade, exclusão e espacialidade do futuro. Brasília. Vol. 6, 1995.

TELES, Luciano Everton Costa. **A vida operária em Manaus**: imprensa e mundos do trabalho. Dissertação de Mestrado. Manaus: PPGH/UFAM, 2008.

VARGAS, Jonas Moreira. **Entre a Paróquia e a Corte**: uma análise da elite política no Rio Grande do Sul (1868-1889). Dissertação (Mestrado em História). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

VELLOSO, Mônica Pimenta. **Modernismo no Rio de Janeiro**: Turunas e Quixotes. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

ZICMAN, Renée. História Através da Imprensa: algumas considerações metodológicas. **Projeto História**, nº 4. São Paulo: Educ, 1985.

WELLMAN, B., BERKOWITZ, S. D. (orgs.). **Social Structures. A Network Approach**. Cambridge: Cambridge University Prees, 1991.

OUTRAS FONTES

A IMPRENSA OPERÁRIA. A Lucta Social. Manaus, 27 de fevereiro de 1914 (Suplemento ao n. 1).

A ORGANIZAÇÃO OPERARIA DO NORTE. A Lucta Social. Manaus, ano 1, n. 4, 1º de setembro de 1914.

APPELO AOS TRABALHADORES DE MANAÓS. A Lucta Social. Manaus, ano 1, n. 1, 29 de março de 1914.

CIDADÃO RIBEIRO JÚNIOR. A Lucta Social. Manaus, ano 1, n. 7, 10 de Agosto de 1924.

JORNAES. A Lucta Social. Manaus. Ano 1, n. 3, 1º de junho de 1914.

NO PARÁ. A Lucta Social. Manaus, ano 1, n. 3, 1º de junho de 1914.

SOCIALISTAS ALEMÃES E ITALIANOS. A Lucta Social. Manaus. Ano 1, n. 6, 1º de novembro de 1914.

VIDA SINDICAL. A Lucta Social. Manaus, ano 1, n. 4, 1º de setembro de 1914.

RECEBIDO EM: 08/07/2019

PARECER DADO EM: 26/11/2019



www.revistafenix.pro.br